

## Encontros en Porto. Con Manuel António Pina

Sara Reis da Silva e Blanca-Ana Roig Rechou

Manuel António Pina (1943, Sabugal) vive no Porto, é poeta, cronista e, além de jornalista, foi também advogado, sendo considerado como uma das vozes mais originais da actual Literatura Portuguesa. Começou por publicar poesia. Em 1973, veio a lume o seu primeiro livro para crianças, *O País das Pessoas de Pernas para o Ar*. É autor, entre outras, de mais de três dezenas de obras de poesia, crónica, ensaio e literatura infanto-juvenil e, ainda, de duas dezenas de peças de teatro. Muitos dos seus textos foram levados à cena por várias Companhias de Teatro – por exemplo, Pé de Vento, TELA (Teatro Experimental de Leiria), TEP (Teatro Experimental do Porto) e Cegada Grupo de Teatro. *Algumas foram também adaptadas a programas de televisão e de cinema, bem como musicadas e editadas em disco*. A sua poesia encontra-se traduzida em francês, inglês, dinamarquês, espanhol, galego, alemão, catalão, neerlandês, búlgaro, servo-croata, russo, neerlandês e corso; a sua obra infanto-juvenil em dinamarquês, alemão e galego. Ganhou vários prémios, dos quais se destacam o Prémio do Centro Português para o Teatro para a Infância e a Juventude (CPTIJ) pelo conjunto da sua obra neste domínio (1988), o Prémio Calouste Gulbenkian de Livros para Crianças (1986/1987) pelo seu livro *O Inventão*, Prémio Nacional de Crónica Press Club/Clube de Jornalistas com a obra *O Anacronista* (1994) e o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores pela sua obra *Os Livros* (2003).

255

Quem se aventura na leitura dos textos de Manuel António Pina (MAP), rapidamente percebe os motivos pelos quais a sua escrita é tida como uma das mais singulares e reconhecidas do universo literário português. Na verdade, ao contrário do que afirmou um dia sobre alguns “escritores”, MAP faz literatura “para” crianças – e não só – e gosta de literatura e de crianças, o que acaba por se reflectir, com originalidade, com criatividade e um humor invulgares, naquilo que, há mais de trinta anos, parece dedicar aos mais novos. A dimensão lúdica que dela transparece, profundamente inovadora, testemunha, muitas vezes, um percurso de construção textual alicerçado no tópico do

mundo às avessas e/ou do desconcerto do mundo, bem como noutras estratégias de promoção do riso, como o nonsense, o absurdo, a ironia ou o uso inventivo da língua, e numa lógica sempre surpreendente que é a do jogo de contraditórios.

**SARA REIS DA SILVA/BLANCA-ANA ROIG RECHOU (SRS/B-ARR).** *O lugar de nascimento de Manuel António Pina é o Sabugal, mas, como tem reafirmado, muitos têm sido os seus lugares de vida. Como viveu a sua infância? Qual a memória mais antiga que guarda desse tempo?*

**MANUEL ANTÓNIO PINA (MAP).** A infância é algo, julgo que já uma vez o escrevi, que só se tem quando se perde. Quando somos crianças, estamos perto de mais da infância para nos apercebermos dela. Mais tarde, olhamos para trás e descobrimos confusamente que perdemos algo; damos o nome de infância a essa perda e partimos desamparadamente e inutilmente em sua busca. Procuramo-la, por exemplo, na literatura, que é uma forma misteriosa da memória. Por isso, talvez a pergunta que está dentro da pergunta “Como viveu a sua infância?” seja: “Como *vive* a sua infância?”. E essa não é decerto uma pergunta de resposta fácil. Talvez pudesse dizer que a vivo melancolicamente, mas seria pouco. Ou talvez que a vivo desejando ser-lhe fiel, o que seria muito (pois como ser fiel a um compromisso que não conhecemos?). Se calhar, vivo-a escrevendo (e lendo) livros. Ou amando. Ou culpando-me. Não é uma resposta satisfatória, eu sei; mas não me ocorre outra agora.

256

A minha memória mais antiga (que não sei se é uma memória minha se é a memória de algo que minha mãe me terá contado) é uma cena em que uma criança de 2 ou 3 anos atira fora o chapéu de palha de outra da mesma idade e esta (a quem hoje chamo “eu”), talvez por orgulho, talvez por absurdo sentimento de justiça, recusa-se a apanhá-lo, preferindo voltar sem ele para casa, cheia de medo de ser castigada.

**SRS/B-ARR.** *A vida profissional do seu pai determinou a mudança e o conhecimento de novos lugares. Como foi crescer e tornar-se um novo habitante de espaços “desconhecidos”? O que mais o marcou em termos de vivências familiares desse tempo?*

**MAP.** Visto agora tudo isso daqui, da recordação, a necessidade, imposta pela vida profissional de meu pai, de mudar de localidade de três em três ou qua-

tro em quatro anos, marcou-me principalmente por essas mudanças serem perdas: de amigos, de lugares, de identidade. E por ter, de cada vez, que recomeçar de novo, que descobrir de cada vez novos lugares (lugares do meu tamanho, o que quer que isso queira dizer), novos rostos, novos nomes que dar a todas as coisas, sabendo que, em breve, os perderia uma vez mais. Só muito mais tarde percebi que viajar não é, como escreve Pessoa, “perder países”, mas perder-se a si mesmo, porque todos os países são o mesmo país, todos os nomes o mesmo nome. E percebi igualmente que, de um modo ou de outro, viajando ou ficando, estamos sempre sós.

**SRS/B-ARR.** *Já adulto, foi aluno de Direito da Universidade de Coimbra. O que determinou essa opção? O que de melhor e de pior lembra dessa época?*

**MAP.** A minha opção pelo Direito resultou, fundamentalmente, de ser então possível frequentar a Faculdade de Direito como aluno “voluntário”, isto é, sem ter a obrigatoriedade de assistir às aulas, já que não poderia manter-me a estudar longe de casa, e universidades, em Portugal, só existiam, nessa época, em Lisboa, Porto e Coimbra. Fiz, assim, o curso de Direito sem ter assistido a uma única aula; estudava em casa (na verdade, no café) e ia a Coimbra uma ou duas vezes por ano fazer exames. A alternativa, para famílias como a minha, teriam sido a Academia Militar ou o Seminário, cujo ensino era gratuito e que forneciam alojamento (a Academia Militar ainda pagava!) Cheguei, por isso, a preparar-me para fazer exame de admissão à Academia Militar (era a escolha óbvia: a minha mãe adorava fardas e meu pai detestava sotainas). Entretanto, a família mudou-se mais uma vez e fomos viver para uma localidade relativamente perto de Coimbra. E em Coimbra havia uma Faculdade de Direito que, como disse, se podia frequentar sem ir às aulas...

257

A minha primeira juvenil desilusão na Faculdade foi descobrir que Direito e Justiça são primos muito, muito afastados, que é a segurança, não a Justiça, o que principalmente move o Direito. Mas o Direito, a ciência e a técnica jurídicas tiveram, acho eu, importância para mim (e como não teriam?), e ainda hoje, de algum modo, têm. O Direito existe, fundamentalmente, no discurso, na palavra. E na controvérsia (na *polémos*). Por outro lado, o Direito tem, como ciência (como técnica, já é talvez outra coisa), vocação de rigor. A racionalidade do Direito pode ser inquietante, mas implica um exercício de exigência, designadamente de exigência formal. Depois, em alguns livros de Direito (estou a lembrar-me, por exemplo, da “Teoria Geral da Relação Jurídica” de

Manuel de Andrade), escreve-se um português admirável. Os escritores portugueses deveriam ser obrigados a fazer um estágio em Manuel de Andrade antes de publicarem qualquer livro!

**SRS/B-ARR.** *Quando descobriu a Literatura?*

**MAP.** Foi a literatura quem me descobriu a mim. Na infância, sempre escrevi versos (versos, não, obviamente, poesia). E li versos, muitos versos. Ainda hoje tenho a cabeça cheia de versos deploráveis, a maior parte encontrados nos livros escolares (em casa de meus pais não havia livros, ou, que me lembre, havia apenas um livro de sexologia e um ou dois daquilo que hoje chamaríamos de “literatura cor-de-rosa”, acho que de Delly). A poesia descobri-a aos 10 ou 11 anos, nas bibliotecas itinerantes da Gulbenkian que, de quinze em quinze dias, emprestavam livros pelas localidades do interior do país. E, então, li tudo o que encontrei ao acaso nas estantes: Pessoa, Eliot, Cesariny, Jorge de Sena, Alexandre O’Neill e Thomaz Kim (que eu julgava então que eram poetas ingleses), Antero, Cesário, os românticos, os simbolistas, os modernos. E, um dia, caiu-me nas mãos um livro que foi fundamental para mim: a “Estilística da Língua Portuguesa”, de Rodrigues Lapa (o autor, conhecido de meu pai, oferecera-lho). Foi uma descoberta decisiva, que me fez ver pela primeira vez a língua como um ser vivo e mutante que, tanto quanto a fazemos, nos faz a nós.

258

**SRS/B-ARR.** *Toda a poesia guarda segredos. Quer desvendá-los alguns dos da sua?*

**MAP.** Querer, quero. Mas não posso. São segredos, sobretudo, para mim. Escrevo uma poesia muito consciente, e consciente também daquilo que nela é inconsciência. Por isso, suspeito de poemas que se me oferecem completamente e de que tenha completo e consciente domínio. Acredito mais nos que resistem à minha consciência deles, mas que pressinto que *são* verdade, embora não saiba bem porquê. A minha mulher, às vezes, surpreende-se: “Como é que *tu* escreveste isto?”. E eu costumo responder-lhe (sem ironia): “Isso também eu queria saber!” Depois há, claro, a oficina. Da oficina já sou muito mais consciente. Mas, mesmo assim, a maior parte das vezes *a posteriori*. O poema, por qualquer motivo, *funciona* (seja em termos de som seja de sentido), e fico curioso de perceber porquê. Quando descubro, aprendo mais alguma coisa. De qualquer modo, ao fim destes anos todos, acho que posso dizer, como Carl Sandburg, que começo agora a fazer uma ideia da misteriosa relação entre adjectivos e substantivos. O resto aprendê-lo-ei lentamente.

**SRS/B-ARR.** *A própria criação literária em geral é, para muitos, um mundo secreto, indefinível e indescritível. É assim para si? A escrita é para si um acto de serenidade ou de inquietação?*

**MAP.** Depois da escrita, de serenidade, como a bonança depois da tempestade. Ou como um parto (a palavra francesa é especialmente adequada: *deliverance*). Escrever é, de facto, libertação, um modo de ficarmos, por um momento, de bem connosco mesmos, de coincidirmos connosco e, em alguns casos felizes (a escrita pode ser uma forma de felicidade), com o mundo.

**SRS/B-ARR.** *Ao depararmos há uns tempos com a questão por si formulada «Não é a vida teatro, tanto quanto o teatro é a vida?», pensámos na importância de que se reveste o teatro para o poeta e para o cidadão Manuel António Pina. O teatro é mesmo, para si, intrínseco à vida?*

**MAP.** Claro que é. Não somos todos nós personagens à procura de um autor? Ou de um papel? Ou à procura de saber que raio de peça está aqui, onde quer que “aqui” seja, a ser representada? E porquê e para quê?

**SRS/B-ARR.** *No conjunto da sua obra, o texto dramático para a infância possui um lugar de evidente relevo. Já pensou escrever teatro “para” adultos?*

259

**MAP.** Mas é o que eu sempre tenho feito, teatro “para”, por assim dizer, adultos... É o que se faz escrevendo poesia. Toda a poesia é dramática. A voz que fala na poesia, mesmo na poesia mais estritamente lírica, é sempre a voz de *outro*. A poesia escreve-se, às vezes, justamente para tentar saber quem, ou o quê, é esse outro. Na poesia, como no teatro, ou como nos sonhos (a comparação do teatro com os sonhos é de Borges), aquele que escreve é simultaneamente o autor, o actor, o espectador e, sobretudo, o palco.

**SRS/B-ARR.** *Têm sido várias as suas experiências de criação dramática em ligação estreita com companhias de teatro, como, por exemplo, a Pé de Vento. Como têm sido essas “passagens”? O que trazem aos seus textos esses convívios com o espectáculo em potência?*

**MAP.** Trazem principalmente insegurança. Raramente me revejo nos meus textos, ou os reconheço, quando passam à cena. Experimento sempre, presenciando essa “passagem”, uma sensação de traição, de intrusão, como se os

meus textos, ou lá de quem eles são, se tivessem perdido de mim. É uma desagradável sensação de cacofonia, semelhante àquela que experimenta alguém com um ouvido tão duro como o meu (uma espécie de ouvido “absolutamente relativo”...) quando tenta trautear uma melodia que tem dentro da cabeça e não consegue. Por isso, durante muito tempo, não assisti a espetáculos feitos a partir de textos meus. Podia ser um excelente espetáculo, mas não fora *aquilo* o que eu escrevera. Entretanto, envelheci e tornei-me mais condescendente. Hoje já vou suportando relativamente bem essa inevitabilidade.

**SRS/B-ARR.** *Como nasceu o seu primeiro livro “para” crianças?*

**MAP.** Escrevera uns contos por divertimento, sem qualquer intenção de vir a publicá-los. Nem sequer pensando na possibilidade de alguém os poder ler. Uns amigos formaram por essa altura uma editora, “A Regra do Jogo”, e pôs-se, já que estavam ali à mão, a hipótese de os ilustrar e editar. “Et nous voilà ce soir”, como na canção de Jacques Brel ...

260

**SRS/B-ARR.** *A leitura das suas obras é também um reencontro com a literatura de “outros”. Referimo-nos, por exemplo, a Fernando Pessoa ou a Lewis Carroll. Que outros “outros” o fascinam?*

**MAP.** Tantos que (ocorre-me um desses “outros”, Dante) “nunca pensei que a morte tivesse levado tantos”! Na verdade, sou mais um leitor que um escritor, se uma coisa é distinta da outra. A minha cabeça e o meu coração (e, já agora, também os livros que tenho escrito) estão cheios de palavras de “outros”: Eliot, Borges, Rilke, Ruy Belo, Alexandre O’Neill, Milne, Edward Lear, Kleist, Shakespeare, Homero, Villon, Tristan Corbière, a Bíblia, o Talmude, o Tao te King, sei lá...

**SRS/B-ARR.** *Quando decide publicar um texto potencialmente destinado aos mais novos, pensa/idealiza, de alguma forma, a sua componente pictórica?*

**MAP.** Não.

**SRS/B-ARR.** *Como tem reagido às reedições das suas obras com um registo visual também “reeditado”, (como é o caso, por exemplo, de O Pássaro da Cabeça ou o Têpluquê)?*

**MAP.** Não gosto de reeditar. Tenho a impressão absurda de que não devo fazê-lo, que *aquilo* foi escrito por outro (e foi: foi escrito por alguém que eu, um dia, fui). Por isso é que, quando reedito, mudo habitualmente pouco. Sinto algum desconforto fazendo-o, e não é raro, se altero alguma coisa numa nova reedição, voltar à versão inicial. Acontece-me algo semelhante com as ilustrações, ou até apenas com o grafismo (por exemplo, com o tamanho da página, ou até com o corpo da letra e a fonte). As alterações parecem-me intrusões. De qualquer modo, depois de muitas reedições, começo a habituar-me a conviver com isso. Mas preferiria que tudo ficasse como estava, o que nem sempre é possível. No caso de *O Inventão*, porque António Quadros, o ilustrador original (assinou a ilustração como António Lucena), morreu entretanto e me disseram que os herdeiros punham habitualmente dificuldades económicas insuperáveis em situações do género; no caso de *O Pássaro da Cabeça*, porque a reedição saiu numa colecção com o mesmo ilustrador para todos os livros. Só no caso de *O Têpluquê* se tratou de uma opção minha, uma opção, digamos assim, afectiva; a ilustradora é filha de um grande poeta e grande amigo falecido, o Fernando Assis Pacheco, conheci-a era ela ainda bebé; e, ainda por cima, aprecio muito o seu trabalho como pintora. Posso dizer que o livrinho foi reeditado porque *queria* que a Bárbara (para mim, continua a ser a Babá) ilustrasse um livro meu.

261

**SRS/B-ARR.** *A narrativa História do Capuchinho Vermelho Contada a Crianças e Nem Por isso é uma obra singular sob várias perspectivas (por exemplo, pela existência de um hipotexto explícito, pela existência prévia de um conjunto de “ilustrações”, pelas questões que levanta ao nível do destinatário preferencial, etc. etc.). Quer falar-nos um pouco dela?*

**MAP.** A ideia foi do Museu de Arte Contemporânea de Serralves. A proposta foi-me apresentada e aceitei-a, a princípio, com relutância. Receava ter a sombra de Paula Rego por perto e que isso pudesse ser constrangedor. Não gosto de encomendas, temo frustrar as expectativas de quem encomenda. Prefiro ter apenas que dar explicações sobre o que escrevo a mim mesmo. Mas, ao que julgo saber, Paula Rego recebeu muito bem o texto, e até imediatamente aceitou à publicação dele na Dinamarca (em duas edições, com capas distintas: uma, onde consta algo como “Paula Rego /O Capuchinho Vermelho/ conto por M. A. Pina” e outra que diz “M. A. Pina / O Capuchinho Vermelho/ pinturas por Paula Rego”). Já quanto ao “destinatário preferencial”, essa é uma matéria em que, como sabe, costumo fazer alguns exercícios de equilíbrio

(quando não de acrobacia, pois sei lá eu quem é o “destinatário” do que escrevo!)

**SRS/B-ARR.** *Fazendo uma leitura dialogal da coletânea recentemente reeditada O País das Pessoas de Pernas para o Ar e do conto O Cavalinho de Pau do Menino Jesus, pressente-se um especial posicionamento do autor relativamente à religião / ao catolicismo. Quer comentar?*

262

**MAP.** As religiões são grandes construções ficcionais, dessas que nos marcam indelevelmente. Agem como *cultura*, como sistema de referências pessoais e sociais. Eu tive uma educação simultaneamente católica (por parte de minha mãe) e anti-católica (por parte de meu pai). O meu “posicionamento”, como diz, em relação às religiões é hoje, como em relação a quase tudo, céptico. Não sou crente de coisa nenhuma. Sou um grande frequentador de religiões, os mitos fascinam-me, a fé fascina-me. Talvez até seja religioso no sentido mais radical da palavra “religião”, o de *religação*. O cristianismo –principalmente o cristianismo inocente como aquele que vivi na infância – faz parte de mim, não é coisa de que possa (ou de que pretenda) libertar-me. Convivo com ele como convivo comigo mesmo, mais ou menos conflitualmente. O budismo, em particular o budismo zen, que iluminou parte da minha juventude e da minha relação comigo e com o mundo (como também o marxismo o fez), talvez me tenha marcado tanto quanto o cristianismo. E, em menor escala, também o xintoísmo. E o gnosticismo cristão. E a cabala judaica. (Curiosamente, o islamismo diz-me pouco). Além, claro, da mitologia grega. Muitas das narrativas religiosas correspondem a arquétipos da própria natureza humana. Entretanto, vivendo eu numa sociedade de matriz católica, o catolicismo oferece-me um contexto de signos e códigos, uma “linguagem”, imediatamente acessível em termos culturais, que posso manusear e convocar e a que me posso reportar, ou “traduzir”, sem necessidade de notas de rodapé. É uma espécie de “língua”. Se eu escrever “milagre da divisão”, posso esperar que, numa sociedade de cultura cristã, o leitor entenda a expressão como alusão ao “milagre da multiplicação”; já numa sociedade de outra matriz cultural e religiosa, isso passará despercebido e a expressão será lida linearmente. A escrita literária dá e tira constantemente ao leitor, e essas trocas supõem códigos culturais comuns. A palavra literária não existe fora da cultura, implica –por mais privada que seja– familiaridade social. A mitologia e simbologia cristãs e suas personagens são uma parte da família social, da consanguinidade “natural”, da minha literatura. Não são uma escolha;

nascemos numa família como nascemos numa língua, não são coisas que escolhamos.

**SRS/B-ARR.** *Tópicos como a infância, a memória, a hesitação entre o sonho e o real e a questão do duplo ou da fragmentação do eu parecem perpassar toda a sua escrita (“para” crianças e “para” adultos). Há, na sua opinião, algum outro que o “persiga” enquanto autor? Já alguma vez fugiu dele(s) intencionalmente?*

**MAP.** Julgo que todos nos inquietamos quando dizemos “eu”. Quem é “eu”? Se recordamos, “eu” é aquele que recorda ou aquele, o “ele”, que recordamos? Seremos também nós a recordação de um “eu”, isto é, de um “outro”? Sonhamos ou somos o sonho? Como o rosto de Deus, não nos é dado olhar directamente o nosso rosto. O nosso rosto é, para os outros, é um rosto alheio. Para nos olharmos, para nos pensarmos, temos que separar-nos de nós, que nos tornar “outros”. Como diremos então “eu”? Como afastar-nos e, simultaneamente, coincidirmos? Como estar ao mesmo tempo deste e do outro lado do espelho? Também aquele que escreve, e diz “eu”, é outro. A minha literatura, sempre que diz “eu”, fica por um momento suspensa de todas estas interrogações. Depois, nos mais felizes dos casos, ignora-as (se não, não sairia do sítio, não se escreveria), suspendendo, como costuma dizer-se, a incredulidade. Só somos “eu”, só coincidimos, ignorando-o. Não podemos, como no poema de Pessoa, ser inconscientes e ter a consciência disso, não nos sabermos e sabê-lo. Nesse sentido, a palavra literária é um inferno, pensa de mais. Na palavra literária, pelo menos na minha, a infância é a nostalgia do *infans*, do que não tem ainda palavra (nem memória), que é coincidência pura, puro “eu”. Se esse *infans*, ou isso, me “persegue” (a palavra é talvez muito forte) é na medida em que a minha palavra literária o procura, bem sabendo, no entanto, que ele é apenas um lugar vazio. Porque é tudo o que somos, palavras e memória. O próprio “eu” é apenas uma palavra, a palavra “eu”.

263

**SRS/B-ARR.** *Há quem defenda que a escrita é circular, que se parte e regressa sempre ao mesmo lugar? É assim para si?*

**MAP.** Sim. No limite, menos (ou mais) que um círculo, um ponto. Ou, como antes disse, um vazio.

**SRS/B-ARR.** *O que o alegra e o que o desanima na actual literatura portuguesa comercialmente dirigida aos mais novos?*

**MAP.** Não sou grande leitor de literatura “comercialmente dirigida aos mais novos”. Por isso, nada nela me chega a desagradar. À literatura pede-se apenas que seja literatura (o que quer que “literatura” queira dizer), independentemente de ser comercial ou não comercial e independentemente de a quem se dirija. O que me “alegra” (outra palavra também demasiado forte) em alguma da “actual literatura portuguesa comercialmente dirigida aos mais novos” é que ela é, nos melhores dos casos, literatura. Noutros, receio que não seja, embora, como disse, eu não saiba bem o que é “literatura”. Mas nada disso tem grande importância, pois não? Há muita vida e muito mundo para além da literatura...

**SRS/B-ARR.** *Quais são para si os Clássicos da Literatura Portuguesa? E da Literatura Universal?*

264

**MAP.** Clássicos no sentido em que fala Italo Calvino, de algo que permanece como “ruído de fundo” da minha relação com a literatura, são, por exemplo, na literatura portuguesa (e ficando-me pela poesia), “O Livro de Cesário Verde”, ou a “Clepsidra”, ou o Pessoa ortónimo, ou a poesia de Ruy Belo, ou a obra lírica de Camões. Na literatura universal, livros como a “Ilíada”, ou o “Livro de Job”, ou o Evangelho de S. João, ou a “Divina Comedia”, ou as “Elegias de Duíno”, ou a “Waste Land”...

**SRS/B-ARR.** *A sua assídua produção cronística (diariamente no Jornal de Notícias e quinzenalmente nas revistas Notícias Magazine e revista Visão) é talvez um dos seus rostos mais próximos do público em geral. Pensa nisso quando escreve esses textos? Que lugar ocupam no conjunto da sua obra?*

**MAP.** A minha produção cronística é, sobretudo, servidão. Ter que escrever diariamente, ser obrigado a ter todos os dias alguma coisa que dizer (eu, que nem uma vez por ano tenho que dizer, quanto mais uma vez por dia!) acaba por ser penoso. Mas é com as minhas crónicas que sobrevivo, e sobreviver é preciso. Viver é preciso, mas, para viver, é necessário, primeiro, sobreviver. Em certas circunstâncias felizes, porém, acho que é possível viver e sobreviver simultaneamente, até a escrever crónicas de jornal. Às vezes, em certas crónicas, encontro-me comigo mesmo e com a palavra de modo semelhante ao da “literatura”. O principal obstáculo que a crónica jornalística põe a esse encontro é a imperatividade de comunicar, de “dizer”. No entanto, ao mesmo

tempo, a crónica, a obrigação de escrever diariamente, a obrigação de respeitar constrangimentos muito estreitos (de espaço, por exemplo; no meu caso, devo escrever não mais que 1260 e não menos que 1250 caracteres; não posso usar parágrafos; os títulos devem ter duas linhas, com um máximo de 13 caracteres cada, e por aí adiante) constitui um exercício fascinante. Habitualmente, perco mais tempo a cortar aqui e ali, a substituir palavras, frases, ritmos, do que, em sentido estrito, a “escrever”. Ora, não há nada mais libertador do que um bom constrangimento. Os constrangimentos aguçam o engenho. Ter que fazer, como eu faço, o morto à medida do caixão obriga à rasura permanente e permite aprender coisas fundamentais sobre o modo como funciona a língua. Aquilo que nos parecia indispensável (um substantivo, uma frase, uma metáfora, uma mudança de ritmo) não faz afinal falta nenhuma ao texto nem ao mundo. Se todos os escritores tivessem aprendido isso, evitar-se-iam milhares de páginas enxundiosas e inúteis. Depois, é ainda uma lição constante de humildade. Os velhos tipógrafos diziam que um jornal, no dia seguinte, só serve para embrulhar peixe. A maior parte da literatura também; se não no dia seguinte, no ano seguinte, ou no século seguinte. Os escritores levam-se excessivamente a sério. A posteridade, ou lá o que é, está-se, porém, nas tintas para aquilo que escrevemos.

265

**SRS/B-ARR.** *Há da sua parte uma atitude diferente perante um texto jornalístico e um de ficção?*

**MAP.** No que respeita a processos, sim. Já no que respeita a atitude, procuro escrever cada crónica com o mesmo grau de exigência comigo mesmo que quando escrevo um conto ou um poema. É questão, acho eu, de honestidade. O leitor (de jornais ou de livros) pode não se aperceber, à primeira, que um escritor faz batota. Mas ele, o escritor, está “lá”, e sabe. E, se sabe que faz batota e se tolera isso, se não é o seu mais severo juiz, é um homem indigno. É aceitável que um escritor não saiba escrever, mas não é aceitável que seja um batoteiro.

**SRS/B-ARR.** *Como encara a crítica literária em Portugal?*

**MAP.** Não encaro.

**SRS/B-ARR.** *Foi sempre bem tratado pela crítica?*

**MAP.** Sim, em geral fui sempre bem tratado, até excessivamente. Também algumas vezes me aconteceu ser ignorado, e mesmo então tive razões para ficar satisfeito. Nem toda a opinião crítica é importante. A crítica que importa é, como diz Pound, a de quem tenha feito algo para nós relevante no domínio criticado; os melhores escritores são normalmente os melhores críticos, porque um bom escritor é necessariamente um bom leitor. Não sou insensível à crítica; gosto, como toda a gente, de ser amado, mas gosto sobretudo de ser amado por quem eu amo. É constrangedor ser-se amado por quem não se ama. Algumas críticas excessivamente amáveis são constrangedoras, porque quem escreve tem sempre consciência crítica daquilo que escreveu e sabe que não as merece; então, pode perguntar-se, como Nietzsche: “Terei feito bato-ta?” É uma pergunta terrível, acredite, porque podemos enganar os outros, mas é muito difícil enganarmo-nos a nós próprios. E, se perdemos o respeito por nós próprios, se deixamos de poder orgulhar-nos daquilo que fazemos, perdemos a alma.

**SRS/B-ARR.** *Dado que esta entrevista se destina ao Boletín Galego de Literatura, gostaríamos que nos falasse da sua relação com os escritores galegos e com a própria literatura galega, se a teve/tem.*

**MAP.** Infelizmente, conheço muito mal a literatura galega, particularmente a contemporânea (como conheço mal muitas outras, já desisti de conhecer tudo). A minha relação com a literatura galega é, por isso, esdrúxula e episódica. Mande o meu primeiro livro ao Manuel Maria, por quem tinha uma grande admiração, e ele foi muito simpático e generoso com ele. Mas sou pouco dado a manter relações epistolares e acabei por me desencontrar também dele.

**SRS/B-ARR.** *E em relação ao futuro? Tem outros projectos? Há ou não mais livros quase a aparecerem nas livrarias?*

**MAP.** Não há (que eu saiba). Foi-me pedida uma “antologia pessoal” da minha poesia, mas ainda não tive tempo para ela. Cheguei a pensar em publicar, neste Natal, uma recolha de poemas (e fotos) “sobre” (raio de palavra!) gatos (os meus, isto é, todos os gatos) mas ficou para o ano. Há também uma solicitação para uma reunião de crónicas e uma ou duas para reedições, mas falta-me, para já, vontade para isso. Tenho para aí uns poemas soltos e um ciclo em torno de Pigmalião e do mito da criação que talvez dêem, um dia, um livro, mas ainda

não chegou o seu tempo (quando chegar, hei-de ser o primeiro a sabê-lo).  
Escreve-se e publica-se de mais hoje e, se calhar (mas não tenho a certeza  
disso), temos o dever de publicar o menos que pudermos.

*Sara Reis da Silva*  
Universidade do Minho

*Blanca-Ana Roig Rechou*  
Universidade de Santiago